



PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR – PROEMI

**O programa ensino médio inovador na perspectiva da educomunicação: estudo de caso da Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa – RS**

---

Luciane da Silveira Brum  
Rosane Rosa

## 1. INTRODUÇÃO

**A** Educação como direito é algo muito recente no Brasil e, portanto, apenas a classe dominante sempre teve escola de tempo integral. Necessitávamos, então, que também a classe mais pobre tivesse acesso a esses tempos-espacos extras. “Com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), inicia-se, finalmente, um processo real e amplo de implantação da escola de tempo integral” (GIOLO, apud Moll, 2012, p. 96).

O FUNDEB inaugura um novo tempo na educação pública brasileira, uma vez que prevê recursos a qualquer escola de educação básica, em todo território nacional, ou seja, agora há uma “rede de pessoas interligadas entre si e em permanente expansão” (RABELO, apud Moll, 2012, p. 121).

O tempo integral “permite organizar as atividades escolares segundo métodos adequados do ensinar e do aprender” (GIOLO, apud Moll, 2012, p. 99). Tais métodos dizem respeito, principalmente, à interdisciplinaridade como um princípio mediador entre as diferentes disciplinas. Dessa forma, Jantsch e Bianchetti (1995, p.14) definem a interdisciplinaridade como um “princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites, da diversidade e da criatividade”.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a interdisciplinaridade é um instrumento capaz de articular conhecimentos no currículo. Esse sentido conceitual atribuiu, então, uma espécie de finalidade instrumental, pois essa prática visa à totalidade no ensino, para que não seja uma prática em que as ciências sejam multipartidas. Em outras palavras, fragmentada, pois isso resultaria na falência do conhecimento.

Logo, percebemos que no ambiente formal de aprendizagem do ensino público brasileiro continua forte uma corrente de metodologia tradicional onde há reduzido espaço para participação dos alunos e baixa mediação tecnológica. Esse contexto contradiz o cenário descrito por Soares (2002, p. 18):

O capítulo mais em evidência no campo da educomunicação, neste momento, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, é o que denominamos como mediação tecnológica na educação. Este campo de estudo contempla o estudo das mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim

como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos

Com base nessa constatação, há necessidade de pesquisa, principalmente vinculada ao uso e apropriações das tecnologias no ambiente escolar, uma vez que se pretende ampliar cada vez mais o tempo do estudante na escola e esse aumento de carga horária precisa estar acompanhado de outras extensões, como a intervenção de novos atores, espaços e metodologias no processo educativo de crianças, adolescentes e jovens.

Assim, justifica-se a relevância da escolha da temática para essa pesquisa. Além disso, foi motivada pelo fato da pesquisadora ser professora do programa Ensino Médio Inovador. Acredita-se que os resultados contribuirão para avaliação e aprimoramento dessa política pública voltado ao ensino integral, a nível local, estadual e nacional.

Tem-se como objetivo central desse estudo investigar o processo de desenvolvimento do programa Ensino Médio Inovador na Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa. Os objetivos específicos são: estudar a relação entre o programa Ensino Médio Inovador, a educomunicação e a mediação tecnológica; analisar as formas de apropriações das mídias – tecnologias de informação e comunicação – por parte dos professores das diferentes áreas do conhecimento; compreender o significado do ProEMI no desenvolvimento da autonomia e do protagonismo juvenil.

Para atingir esses objetivos, elege-se como metodologia básica a pesquisa bibliográfica ancorada nos pressupostos teóricos da Educomunicação, principalmente na subárea de mediação tecnológica e nos cadernos pedagógicos de Comunicação, Uso das Mídias e Cultura Digital, elaborados pelo MEC e destinados ao Ensino Médio Inovador. Conforme Martins (2000, p. 28): “trata-se, portanto, de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre o tema, tendo como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”.

Realizar-se-á também um estudo de caso, onde o objeto de pesquisa é a Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa, Vila Nova do Sul/RS. O trabalho a seguir esta estruturado em duas partes. Na primeira apresenta-se

o ProEMI, seguida de uma reflexão teórica sobre Educomunicação e mediação tecnológica. Na última parte apresenta-se a Escola estudada e os resultados dos questionários realizados com a coordenação, 9 (nove) professores e 33 (trinta e três) estudantes do ProEMI.

## 2. PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR E A PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

### 2.1 Apresentando o ProEMI

O século XXI distingui-se dos anteriores, pois vem sendo caracterizado pelo crescimento acelerado de diferentes tecnologias de informação e comunicação (TIC), com ênfase para a informática, o computador e a Internet. Isso significa que:

As tecnologias proporcionam e mantêm a revolução da informação, estabelecendo novos indicadores de tempo e espaço e de consciência humana. A partir das principais perspectivas proporcionadas pela SI (sociedade da informação), novas formas de organização e de produção em escala mundial se definiram, inserindo países no cenário econômico mundial. (BRASIL, 2009a, p. 12)

Podemos dizer, então, que a cultura das pessoas está mudando. Esta vista como o “desejo das pessoas e das comunidades, de perpetuar suas histórias, suas formas de “usar”, “ver” e “praticar” no mundo com o que estiver disponível, enquanto agente possibilitador de ações criativas” (BRASIL, 2009a, p. 13 grifos do autor). Por meio do avanço técnico oportunizado pelas mídias digitais, a humanidade hoje está inserida na “cultura digital” e é possível pensá-la como “um tipo de área do conhecimento que gestiona, intercruza as informações e conhecimentos produzidos” (BRASIL, 2009a, p. 13).

Na educação, o impacto não é diferente, as TIC influenciam no processo educativo uma vez que, proporcionam a interação direta com a transição de conhecimentos. Isso acarreta modificações no aprendizado, na transmissão de informações, na produção de conhecimentos e nas relações interpessoais (Lévi,1999).

Nesse contexto tecnológico, o processo de ensino/aprendizagem deve ser

repensado no sentido de se aproximar da realidade dos jovens com maior criatividade e espaço para participação. Contudo, vale ressaltar que a tecnologia deve vir como acessório do professor, que continua mediando o processo de aprendizagem, mas com maior interatividade. Dito com outras palavras, é muito importante a forma de apropriação das TIC em sala de aula, pois apenas a sua presença não garante inovação

metodológica. Moran (2011) defende que é preciso filtrar, escolher o que focar e o que descartar. O passo seguinte é entender, analisar, refletir, compreender, contextualizar, comunicar (dizer ao outro o que compreendemos) e aplicar esse aprendizado.

Com a aprovação da Emenda Constitucional no 59, de 11 de novembro de 2009, a obrigatoriedade do ensino dos 04 aos 17 anos deverá estar garantida até 2016, atendo à universalização do Ensino Médio até 2020 (15 a 17 anos). Assim, surge a proposta do governo federal para redesenhar o currículo, ampliando o tempo na escola e a diversidade de práticas pedagógicas, atendendo às necessidades e expectativas dos estudantes do ensino médio.

O Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº. 971, de 09/10/2009, foi criado para provocar o debate sobre o Ensino Médio junto aos Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital fomentando propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível e que atenda às demandas da sociedade contemporânea. (BRASIL, 2013, p. 10)

A carga horária mínima é de 3.000 (três mil) horas por ano com foco em ações elaboradas a partir das áreas de conhecimento articuladas à vida dos estudantes, seus contextos e realidades, a fim de atender suas necessidades e expectativas. As áreas do conhecimento são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias.

Essa carga horária além das 2400 horas regulares deve propiciar ao aluno momentos de interação com o conhecimento por meio de práticas dinâmicas, diferenciadas e interdisciplinares que aprofundem e aprimorem o currículo escolar. (DOMINGUINI, 2013, p. 03)

Deve-se trabalhar também, atividades que fundamentem os processos de iniciação científica e de pesquisa, “utilizando laboratórios das ciências da natureza, das ciências humanas, das linguagens, de matemática e outros espaços que potencializem aprendizagens nas diferentes áreas do conhecimento” (BRASIL, 2013, p. 11).

O destaque na proposta do ProEMI que vai ao encontro deste trabalho é, fomentar “atividades que envolvam comunicação, cultura digital e uso de mídias e tecnologias, em todas as áreas do conhecimento.” (BRASIL, 2013, p. 11).

O EMI tem por objetivo articular as áreas de trabalho, ciência, tecnologia e cultura em um projeto político-pedagógico que vise permitir ao aluno atingir outros pontos em sua formação pedagógica, como atividade de iniciação científica e atividades artístico-culturais, agregar atividades educativas que partam do princípio da problematização para incentivar a pesquisa, superar a memorização pela aprendizagem, valorizar a leitura e a formação ética, uso de mídias e tecnologias educacionais para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. (DOMINGUINI, 2013, p. 02)

Contudo, deve-se pensar que:

Para além da necessária ampliação do tempo diário de escola coloca-se o desafio da qualidade desse tempo, que, necessariamente deverá constituir-se como um tempo reinventado. Que compreendendo os ciclos, as linguagens, os desejos das infâncias e juventudes que acolha, modifique assimetrias e esterilidades que ainda são encontradas na prática pedagógica escolar (MOLL, 2012, p.43).

De acordo com Soares (2011, p. 09), o projeto do MEC anima muito, pois “propõe uma revolução nos velhos engavetamentos e isolamentos das disciplinas, sugerindo um trabalho por áreas do conhecimento, ou seja, uma organização matricial dos saberes e fazeres” (grifos do autor).

## 2.2 Tecnologias nas práticas escolares

O estudioso Lévi (1999) discorre sobre o impacto das tecnologias

na educação. Para ele, as TIC influenciam no processo educativo uma vez que, proporcionam a interação direta com a transição de conhecimentos. Isso acarreta em sérias modificações no aprendizado, na transmissão de saberes e produção de conhecimentos. Também, segundo os PCN (2006), a discussão sobre a incorporação das novas tecnologias na prática de sala de aula é muitas vezes acompanhada pela crença de que elas podem substituir os professores em muitas circunstâncias. Há, portanto, o medo da máquina como se ela tivesse vida própria.

Nesse sentido, as tecnologias digitais devem estar incluídas na educação, de modo que os ambientes virtuais sejam recursos para o ensino, neste caso, a primazia deve ser utilizar a web 2.0. As mudanças devem ocorrer para que o aprendiz seja influenciado a construir o conhecimento, fortalecer relações com o ensino escolar e evoluir como aprendiz. Os estudantes deste século interagem mais e, por meio das redes de relacionamento, estão inseridos no meio digital. Essa interação pode ser um elo que interligue alunos e professores com a variedade de conhecimentos disponíveis, desde que seja bem explorada.

Com essa inserção, novas denominações foram dadas para os alunos e para os professores. Conforme Schlemmer (2006), os que nascem no meio digital são chamados “nativos digitais” e os que nasceram há mais ou menos vinte anos atrás, são os “imigrantes digitais”; na maioria dos casos esses são os professores e os pais. O que antigamente era mistério, hoje é provado e sentido pelos jovens através do computador, por meio de um clique. As buscas/pesquisas têm levado os jovens a atingirem maior crescimento intelectual na escola, ao criarem afinidades com materiais diferentes e perceberem os conteúdos de diversas formas, em diversos contextos. A indicação de materiais ou conteúdos, por parte do docente, pode instigar os alunos a procurarem e encontrarem o meio que lhes é mais propício ao aprendizado.

Para Dodge (1995, apud ROCHA, 2007, p.59) “o objetivo dos professores não é a transmissão, é a transformação, e o papel deles é reunir fontes de conhecimento para os alunos e ajudá-los a usá-las”. Assim, as TIC tornam-se ferramentas secundárias para o professor na elaboração de tarefas motivadoras para os alunos, tornando-os ativos na construção do seu próprio conhecimento. Além disso, essas

ferramentas aproximam tanto alunos quanto professores “no uso da internet voltado para o processo educacional, estimulando a pesquisa, o pensamento crítico, o desenvolvimento de professores e a produção de materiais” (DODGE, 1995 apud ROCHA, 2007, p.60).

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrar os fatos e acontecimentos na sala de aula, discutindo-os com os alunos, ajudando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer releituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, além de ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (bem x mal). Isso significa que, segundo Moran (2011) a grande quantidade de informação, de telas, de acesso não significa normalmente mais qualidade, mais compreensão, mais aprendizagem. A pressa faz, com frequência, aceitarmos os primeiros resultados de um site de buscas como os melhores, faz-se necessário então, a avaliação dos conteúdos com cuidado, endossando pontos de vista discutíveis. Esta é uma das responsabilidades dos professores: alertar seus alunos.

Vivemos uma época de grandes desafios. E, portanto, vale à pena pesquisar novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do sensorial, emocional, racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola, do trabalho e da vida. A melhor alternativa para trabalhar a prática de leitura e produção textual é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se desejam alcançar. É necessário ter a consciência de que a escola é um “autêntico lugar de comunicação” e as situações escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 78).

### 2.3 Breve estudo dos cadernos pedagógicos “Comunicação e uso de mídias” e “Cultura Digital”

O caderno pedagógico intitulado “Comunicação e Uso de Mídias” (2009), orienta para a formação do aluno durante o processo de aprendizagem do ProEMI, que deve ser a mais completa possível:

[...] o desenvolvimento de habilidades específicas, o diálogo entre os conhecimentos escolares e comunitários, a proteção e a garantia básica dos direitos de crianças, adolescentes e jovens e a preocupação com os temas da saúde pública. É considerar, portanto, as atividades curriculares e extracurriculares como partes de um único processo com um objetivo comum: a formação plena do educando, derrubando, assim, os limites e os vícios de um turno e contraturno escolares. (BRASIL, 2009, p. 07)

Nesse cenário tornou-se mais fácil adotar a pedagogia da educomunicação, possibilitando aos jovens a produção de conteúdos, de conhecimentos e de sua própria comunicação aproximando a Escola da realidade dos educandos. Segundo Freire (1979), a comunicação é uma atribuição básica do educador e o educar, por sua vez, seria então uma comunicação específica. Esse papel do professor e da Escola pode ser potencializado com a apropriação adequada da mediação tecnológica voltada ao desenvolvimento da autonomia dos educandos:

A recuperação do papel da escola está relacionada à capacidade que tiver de converter-se num espaço privilegiado para garantir às novas gerações os conhecimentos e as habilidades indispensáveis, para que se comuniquem com autonomia e autenticidade. A partir de uma pedagogia problematizadora, partimos do princípio de que a leitura da mídia será mais eficiente, caso os jovens tenham garantida a capacidade de analisar suas próprias formas de comunicação e as maneiras de se comunicar adotadas e privilegiadas pela escola. (BRASIL, 2009, p. 15)

Isso significa que uma pedagogia educ comunicativa e problematizadora pode contribuir no desenvolvimento de competências e saberes necessários para o exercício da cidadania nos diversos espaços de sociabilidades onde os jovens estão inseridos. Seguindo essa perspectiva a Escola recria espaços reais para a participação e integração dos interesses dos jovens, formando-os cidadãos participativos política e socialmente.

Quando se fala no trabalho com as mídias e as TIC, abre-se também outro campo de discussão: a interdisciplinaridade. Esta apresenta uma visão crítica e é compreendida como uma superação a uma concepção de conhecimento fragmentado. Ela é apresentada como uma forma de prática de ensino, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), uma vez que a educação apresenta problemas relativos à formação dos estudantes. Ou seja, “o desafio mais antigo da educação formal é desengavetar as disciplinas estanques e tornar o conhecimento

integrado a uma realidade” (BRASIL, 2009, p. 18).

Outro elemento essencial estimulado pela produção coletiva de comunicação é o protagonismo juvenil. “Trata-se de um tempo e espaço raros onde a criança, o adolescente e o jovem podem exercer livremente sua criatividade e expressar seus anseios” (BRASIL, 2009, p. 20). A escola deve-se aproveitar disso, uma vez que, por meio da produção de mídia, “a comunidade tem a possibilidade de enxergar seus anseios pela voz de seus próprios estudantes/moradores e, assim, estreitar seus laços com a escola” (BRASIL, 2009, p. 20).

A partir do momento em que o jovem tem voz no ambiente de aprendizagem, tem-se uma das principais riquezas das mídias e das TIC na educação: uma produção que não é feita de pessoas e pensamentos uniformes. E essa produção precisa ser, cada vez mais, divulgada pela escola, seja ela coletiva ou não, uma vez que “estar na mídia escolar é a primeira oportunidade de fazer ouvir sua voz em um espaço público” (BRASIL, 2009, p. 29).

O caderno pedagógico, elaborado pelo MEC, orienta o trabalho com diferentes dispositivos midiáticos e tecnológicos e propõe atividades criativas que visam o protagonismo do aluno em sala de aula. Nas discussões posteriores, analisaremos se esses dispositivos são utilizados e como são apropriados pelos professores do ProEMI da Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa.

A partir do exposto, identifica-se o potencial da proposta do Programa Ensino Médio Inovador que segue a perspectiva da educomunicação e é voltado a ampliação do tempo de estudos dos jovens e alterar significativamente os espaços de aprendizagem e as abordagens dos currículos para uma perspectiva mais sistêmica e dialógica.

## 2.4 Educomunicação: uma proposta de trabalho no ProEMI

Segundo Soares (2011, p. 45), a educomunicação é vista como:

[...] uma maneira própria de relacionamento que faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que

as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência.

Considerar a relação educomunicação e dialogicidade nos faz pensar não só em novas práticas educativas e comunicativas, mas também na possibilidade de contribuir no processo da formação de um cidadão crítico e político capaz

de intervir na própria realidade. Um sujeito que está presente na escola e que necessita apoderar-se “das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação” (SOARES, 2011, p. 19).

Nesse cenário educacional onde a mediação tecnológica ganha cada vez mais importância também no ambiente de aprendizagem formal destaca-se os conceitos de participação, colaboração, interatividade, conectividade e ensino a distância, como explica Consani (2008):

enquanto na primeira metade do século XX o foco das discussões epistemológicas era a natureza da inteligência e se a construção da cultura/visão de mundo se consolidaria nos planos individual e social, nesta primeira década do século XXI, vemos predominar conceitos como “interatividade dos meios”, “conectividade em rede” e outras digressões técnicas, apresentadas como solução para as demandas pendentes de formação continuada e de gestão democrática dos espaços educativos. (grifos do autor)

Sendo assim, a mediação tecnológica abre caminho para abordagens inovadoras, permanentes e ampliadas de uma educação comunicativa. Nessa perspectiva os jovens têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural: “aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamento de projetos” (SOARES, 2011, p. 31). O autor complementa essa possibilidade de desenvolvimento de saberes e competências que o aluno levará para sua vida:

A educomunicação, enquanto eixo transversal ao currículo, traz, portanto, para o Ensino Médio, a perspectiva da educação para a vida, do saber da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade, da capacidade de identificar para que serve o conjunto

dos conhecimentos compartilhados através da grade curricular. (SOARES, 2011, p. 45)

Nesta linha de pensamento, cabe salientar a importância do papel do professor como mediador do processo de uma aprendizagem que se aproxime do cotidiano dos jovens já imersos em uma realidade midiática e tecnológica.

Neste sentido Soares (2011, p. 25) defende que:

[...] a partir da evidente busca dos jovens por novas propostas para a sua formação em uma escola que responda aos seus anseios e novos elementos ante suas vivências, as políticas públicas deveriam ser de duas ordens: ampliação do ensino profissionalizante e inclusão das tecnologias da comunicação e informação nas escolas.

O caderno pedagógico do MEC Comunicação e Uso de Mídias (2009, p. 20) também dá ênfase à Educomunicação e esta é vista como:

a produção e, sobretudo, a veiculação, do material feito pelos estudantes. Trata-se de uma comunicação autêntica dos educandos [onde] o estudante é instigado a produzir uma comunicação que faça sentido a ele e sua comunidade; temas que gerem discussão e pautem debates sobre soluções e problemas comunitários ou relativos às questões da juventude em si.

Cabe salientar a diferença de possibilidade de interação educativa entre as mídias tradicionais e as digitais que segundo Soares (1999, p. 30),

os recursos tecnológicos clássicos como o rádio e a televisão tiveram dificuldades de ser absorvidos pelo campo da educação, especialmente por ser caráter lúdico e mercantil. Tal fato foi o principal responsável pela resistência dos educadores em dialogar com as tecnologias. O computador veio abalar essa dicotomia, pois possui em si mesmo os meios de produção de que o pequeno produtor cultural – o aluno e o professor – necessitam para seu trabalho diário.

Significa, então, a passagem de um receptor para um produtor, um interlocutor em potencial que pressupõe mudança de papéis na função do professor para um educador-mediador, ou seja, apesar de ambos, professor e aluno poderem constituir-se como produtores culturais, destaca-se o papel do professor na orientação e uma certa vigilância ética sobre o uso das tecnologias no âmbito educacional para que seja voltada a uma formação

para os direitos humanos e a cidadania.

Sendo assim, constata-se a necessidade de ouvir os professores e alunos envolvidos no Programa, uma vez que o ProEMI está de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e, segundo o documento do MEC, “sem uma sólida expansão do Ensino Médio com qualidade não se conseguirá que nossas universidades e centros tecnológicos atinjam o grau de excelência necessário para que o País dê o grande salto para o futuro” (BRASIL, 2011, p.01).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Contexto e Opções Metodológicas

Para a produção deste trabalho, elegeu-se como objeto empírico a Escola de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa, localizada na sede do Município de Vila Nova do Sul. É caracterizada por uma sociedade agropastoril, onde a base econômica é a agricultura e a pecuária, contando também com um pequeno comércio e algumas indústrias de mineração de calcário. Portanto, cerca de 50% de sua clientela escolar, provém da zona rural, os demais da zona urbana.

A escola possui uma boa estrutura no que condiz à sala de informática. São, em média, 20 (vinte) computadores que dispõem de internet. Além disso, há também uma lousa digital, uma televisão, data-shows e aparelhos de som. Todos os professores nomeados fazem uso de seus tablets, comprado pelo governo, e os professores contratados estão no aguardo do mesmo material que, conforme orientações, chegará ainda neste ano de 2014.

Semanalmente os professores têm dois períodos para reunirem-se em área. Sendo assim, a cultura da escola é pesquisar e estudar com frequência sobre os avanços da educação de jovens, através de materiais enviados pela Secretaria de Educação do Estado – SEDUC. Tais documentos discutem, principalmente sobre a implementação do programa Ensino Médio Inovador.

Tal ambiente educacional foi palco para indagações e, por meio de questionário com perguntas fechadas e abertas aplicados no mês de maio de 2014 a alunos, professores e a coordenação pedagógica. Quanto a amostragem dos alunos optou-se apenas pelos alunos do último ano do Ensino Médio Inovador, que já

vivenciaram dois anos e estão no final do processo. Dos 33 (trinta e três) pesquisados, 16 (dezesesseis) são do sexo feminino e 17 (dezesete) do sexo masculino, com idades entre 16 (dezesesseis) e 19 (dezenove) anos.

Quanto a amostragem dos professores, representam a totalidade dos envolvidos no ProEMI da Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa. Dos 9 pesquisados, tem-se apenas um do sexo masculino e as idades variam de 33 (trinta e três) a 49 (quarenta e nove) anos.

Nos três públicos participantes da pesquisa, investigou-se como se dá a mediação tecnológica nas atividades pedagógicas desenvolvidas pelo ProEMI, ao longo de seus três anos de funcionamento.

Para iniciar a discussão, analisar-se-á o questionário da coordenadora pedagógica da escola, após as respostas dos professores e por último, a opinião dos alunos do último ano do Ensino Médio Inovador. Para dar ênfase à discussão, também será relatado uma prática inovadora realizada na escola, com a ajuda das TIC.

## 3.2 A realidade do ProEMI na Escola Estadual Eduardo Lopes da Rosa

### 3.2.1 A percepção da coordenação pedagógica

A coordenadora possui especialização e atua no Ensino Médio a 12 anos. Contudo, assumiu a responsabilidade de orientadora apenas no início do ano de 2013. A pesquisada costuma assistir televisão com frequência e acessar muito pouco a rede social a qual é cadastrada. Na sua opinião, as TIC são um recurso fundamental para a efetivação dos projetos nas diferentes áreas de atuação do ProEMI. Ela salientou, em ordem de preferência, que as principais contribuições da mediação tecnológica nas áreas do ProEMI são: facilitar o processo de aprendizagem individual; proporcionar produção coletiva e colaborativa; fortalecer projetos de comunicação em desenvolvimento na escola; fomentar a criatividade juvenil; facilitar o diálogo com as disciplinas curriculares; melhorar as relações humanas.

Dentre as principais mudanças observadas na Escola após a implantação do ProEMI, a coordenadora cita o engajamento por parte dos professores; alunos

pesquisadores, autônomos e interessados, uma maior sobrecarga de trabalho, principalmente à coordenação e aos professores e, em última instância, maior tempo de estudo entre os professores das diferentes áreas do conhecimento. Ela fez questão de salientar que o governo não aumentou os recursos humanos e tampouco o espaço físico da escola. Isso vai ao encontro das palavras de Soares (2011, p. 40 e 41), quando ratifica que se aproveitar da comunicação e de seus recursos no espaço educacional, exige algumas decisões por parte dos gestores públicos. Dentre elas, “a oferta de infraestrutura/suporte técnico que garanta a introdução definitiva da comunicação na pauta dos projetos que chegam às escolas”.

Contudo, no que condiz às mudanças observadas na prática cotidiana da metodologia de ensino aprendizagem dos professores com a implantação do ProEMI, a coordenadora acredita que estes buscam por aulas diferenciadas com planejamento focado no aluno e na preocupação com a sua aprendizagem. Já as mudanças observadas nos alunos, especialmente em termos comportamentais, éticos e cognitivos, a pesquisada vê a possibilidade de concretizar sonhos e a continuação dos estudos, ou seja:

O que urge é, na verdade, garantir ao jovem a possibilidade de sonhar, não exatamente com um mundo fantástico e seguro que lhe seja dado pelos adultos, mas com um mundo que ele mesmo seja capaz de construir, a partir de sua capacidade de se comunicar. É o que a educomunicação tem condições de propor ao sistema educativo formal. (SOARES, 2011, p. 53)

A falta de recursos humanos e espaço físico na escola, além da escassez de materiais de estudo e o pouco engajamento por parte de alguns professores, foram as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do ProEMI, segundo a coordenadora. Sendo assim, ela sugere melhorias para o bom desenvolvimento do programa na escola como, por exemplo, a integralidade do professor a apenas uma escola, pois salienta que o principal problema enfrentado pela escola, no momento, é a disponibilidade de horários dos professores, sendo que a maioria trabalha em outra instituição ou reside em outro município.

### 3.2.2 A percepção da equipe de professores

Analisar-se-á, neste momento, o questionário aplicado a nove professores. Desses, sete têm graduação completa e apenas dois possuem especialização na área de atuação. Todos destacaram a televisão, as redes sociais e a leitura de jornais, como o consumo cultural extra escola. Os profissionais têm de dois a vinte anos de atuação no Ensino Médio.

Questionados sobre a área de atuação no ProEMI, alguns professores destacaram que trabalham em mais de uma área como, por exemplo, a professora de Educação Física, da área de Linguagens e suas Tecnologias, que atua como professora de Filosofia, da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, e também ministra aulas de Seminário Integrado.

Dentre as principais mudanças observadas na escola com a implantação do ProEMI, os professores destacaram, em ordem de preferência, mais sobrecarga de trabalho, principalmente à coordenação e aos professores; alunos pesquisadores, autônomos e interessados; maior tempo de estudo entre os professores das diferentes áreas do conhecimento.

No que condiz a utilização das TIC na sua área de atuação, apenas uma pesquisada disse que não utiliza, pois diz não ter muita habilidade e preocupa-se com os avisos constantes feitos pela direção escolar sobre o mau uso, conservação e manutenção desses recursos na escola. Sendo assim, esta professora acha melhor solicitar trabalhos impressos, cartazes, pesquisas para casa e apresentação em sala de aula em forma de mesa redonda. Os demais oito professores responderam que nunca utilizam a televisão ou apenas uma vez por ano; o laboratório de informática e a internet, uma vez por mês ou até mesmo semanalmente; os aparelhos sonoros poucas vezes, pois há escassez desse material na escola e; a lousa digital ainda não foi instalada, mas demonstraram interesse em aprender. Isso significa que,

o professor, que se vê num dilema ao colocar lado a lado seus velhos métodos e as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, pode encontrar na Cultura Digital estratégias para desenvolver novas metodologias de ensino-aprendizagem que envolvam o aluno, fazendo da escola um local

de pensamento sobre as possibilidades que as redes e comunidades digitais oferecem, tanto para o desenvolvimento intelectual quanto nas possibilidades de socialização e colaboração no coletivo escolar (BRASIL, 2009a, p. 13)

Nas atividades mediadas pelas TIC, todos os professores dizem abrir espaço para a participação dos alunos a fim de desenvolverem sua criatividade, autonomia e protagonismo. Dentre os ambientes mais frequentados pelos alunos na internet, destacaram-se os sites de pesquisa, como Google e Google Earth. Além de sites de notícias e também jogos interativos para o raciocínio lógico, nas aulas de Matemática. Nesse momento, os alunos podem dar sua opinião pessoal e produzir trabalhos em grupos com discussões sobre o conteúdo pesquisado.

Todos os pesquisados ratificam sobre a importância da mediação da comunicação e das TIC nas suas áreas de atuação, até mesmo pelas mudanças diárias na política e nos aspectos físicos e sociais da comunidade. As ferramentas disponíveis na escola auxiliam a desenvolver o planejamento e servem para melhorar a explanação de alguns conteúdos. Sendo assim, aprimoram o trabalho de sala de aula. Isso significa que:

[...] uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo de recursos da comunicação e da informação. (SOARES, 2011, p. 37)

A explicação dos conteúdos mais voltada à realidade dos estudantes foi a alternativa destaque na questão de número doze, sobre o que mudou na prática cotidiana da metodologia de ensino aprendizagem dos professores, com a implantação do ProEMI. Destacaram-se também o desenvolvimento de pesquisas em sala de aula e maior engajamento com o Ensino Médio e com o entendimento do que é “ser jovem”. Tais mudanças comprovam que, “para quem está na escola, o que se aprende deve fazer sentido, ajudando a resolver problemas relevantes na vida real” (SOARES, 2011, p. 51. Grifos do autor). Já as mudanças observadas nos alunos em termos comportamentais, éticos e cognitivos, após a implantação do programa, os professores destacaram que muitos estão mais responsáveis, pois

preocupam-se com o prazo de entrega de trabalhos e buscam o esclarecimento de conteúdos. Contudo, alguns ainda estão revoltados com o aumento de dez horas semanais na escola.

A escassez de materiais sobre o assunto e também a sobrecarga de trabalho ao professor foram destacadas pelos pesquisados como as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do ProEMI. Como sugestões, a maioria acredita num maior investimento, pelo governo, em recursos humanos, com profissionais de apoio como, monitores, por exemplo. Além de material didático de qualidade e maior qualificação de todos os profissionais da educação sobre o programa para que a escola possa efetivamente realizar um planejamento de acordo com a proposta e, também trabalhar em equipe.

### 3. 2. 3 A percepção dos estudantes

Para finalizar a análise dos questionários, discutir-se-á, neste momento, as respostas dos 33 alunos do último ano do Ensino Médio Inovador.

Questionados sobre o consumo cultural extra-escola, a maioria dos alunos respondeu que varia entre assistir televisão e navegar nas redes sociais. Poucos alunos costumam ler jornais, por exemplo, e apenas dois costumam ir ao cinema. Isso comprova o que foi estudado por Soares (2011, p. 27), pois os jovens estão “utilizando cada vez mais, em seu proveito, as informações disponíveis na Internet” e, além disso, os “estudantes tornaram-se pesquisadores tanto de temas escolares quanto de temas de seu próprio interesse”.

As redes sociais possibilitadas pela Internet vêm ganhando importância na formação de hábitos e na maneira como os jovens convivem socialmente, construindo conceitos próprios quanto as formas de aprendizado, podendo, até mesmo, desenvolver aguçado senso crítico em suas relações com o mundo. (SOARES, 2011, p. 28)

Dentre as principais diferenças do ProEMI em relação ao 2º grau tradicional, os estudantes citaram, em ordem de importância, o aumento da carga horária na escola; mais produção textual, pesquisas e, conseqüentemente, autonomia; maior engajamento por parte da coordenação pedagógica e dos professores.

Alguns ainda destacaram maior dedicação por parte do aluno e que eles passaram a ser avaliados por conceitos (CSA, CPA, CRA) e não mais por notas.

De acordo com os alunos, as principais mudanças na escola com a implantação do ProEMI, de acordo com a preferência, foram o fortalecimento de projetos em desenvolvimento na escola; a facilitação do processo de aprendizagem individual bem como do diálogo com as disciplinas curriculares. Tais mudanças vão ao encontro das ideias ressaltadas por Soares (2011, p. 09):

O projeto de Ensino Médio Inovador, aberto pelo MEC, anima muito, pois propõe uma revolução nos velhos “engavetamentos” e isolamento das disciplinas, sugerindo um trabalho por áreas de conhecimento, ou seja, uma organização matricial dos saberes e afazeres. (grifo do autor)

No que condiz às mudanças da prática de sala de aula dos professores, os estudantes acreditam que estes trabalham conteúdos mais atrativos e condizentes com suas realidades. Além de observarem professores mais engajados com a proposta do ProEMI, pois muitos estudam e preocupam-se também com o que é “ser jovem”. Sendo assim, vale destacar o que diz no documento de Reestruturação do Ensino Médio: pressupostos teóricos e desafios da prática (AZEVEDO e REIS, 2013, p. 28):

Os alunos ingressam no Ensino Médio carregados de experiências, com bagagem social e cultural bastante diversa e rica. Eles são portadores de histórias de relação com a educação, com o conhecimento. Possuem visões de mundo e projetos de vida cuja constituição é produto de suas vivências sociais e educacionais.

A grande maioria dos estudantes salientaram que estar cursando o Ensino Médio Inovador e se formar a partir desse programa, significa maior engajamento com os estudos, uma vez que através da pesquisa de aprende muito. Outros ainda elencaram a importância de ser mais autônomo e a preocupação em continuar estudando.

Na opinião dos alunos, o uso de TIC por parte dos professores melhora sua autoestima, além de enriquecer a capacidade crítica e identificar-se mais com a escola. Dentre as três mídias, TIC e ambientes virtuais que os professores mais utilizam durante as aulas, considerando o que a escola possui, destacaram-se a

sala de informática com internet para acesso a sites de pesquisa; o data show; e a biblioteca. Contudo, os alunos têm interesse em navegar pela internet através do celular, assistir mais vídeos e terem conhecimento sobre a lousa digital que ainda não foi usada pelos professores, apesar da escola já tê-la adquirido. Cabe, nesse momento, as palavras de Soares (2011, p. 29) quando salienta que:

[... ] os recursos de comunicação tem modificado alguns conceitos de aprendizagem, dando destaque a uma dinâmica em que o estudante demonstra maior autonomia para a experimentação, o improviso e a autoexpressão. Nesse sentido, a tecnologia se torna, igualmente, uma aliada do educador interessado em sintonizar-se com o novo contexto cultural vivido pela juventude.

Quando questionados sobre a sua participação em sala de aula, todos os educandos responderam que participam, porém somente em algumas aulas. Isso ocorre através de questionamentos ao professor; quando o aluno faz críticas a determinados conteúdos e também opinando sobre aulas diferenciadas. Já nas aulas que o professor utiliza mídia/TIC, os alunos manifestaram que, principalmente, nos momentos de encontro na sala do data show, não podem participar. Na sala de informática, questionam, pois surgem curiosidades a partir de temas, propostos pelo professor, para pesquisa. Tal resposta vai ao encontro do estudo de Soares (2011, p. 45) quando destaca que:

Um ambiente escolar comunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas, mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas, elementos que conformam a pedagogia da comunicação. (grifos do autor)

Dentre as principais mudanças observadas nos colegas quando o professor usa mídias/TIC nas aulas, destacaram-se maior interesse pelo conteúdo e maior autonomia, protagonismo juvenil, participação nas atividades propostas, ainda que alguns colegas só pensem em “matar aula”. Apesar dos alunos de Ensino Médio serem considerados nativos digitais, todos responderam que, dependendo da tecnologia, possuem dificuldade em dominar seu funcionamento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A tecnologia é um instrumento que proporciona melhoria nas condições pessoais e sociais do ser humano, pois desenvolve a habilidade de interpretar e compreender melhor o mundo que o cerca. Assim, cabe ao professor, em sala de aula, utilizar-se de estratégias, ou seja, propor atividades com o uso das TIC que desenvolvam o senso crítico e aprimore o uso da linguagem verbal, seja escrita ou oral. Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. O “novo” assusta e o que vemos é que se têm feito apenas adaptações, contudo o professor precisa estar em constante atualização e acompanhar a evolução dos alunos.

Os recursos digitais de aprendizagem são ótimos para apoiar a prática dos professores preocupados em motivar seus alunos para que participem, de forma efetiva, do processo de ensino e aprendizagem. Além da formação dos professores para o uso das tecnologias digitais, é necessário que esses profissionais tenham disponíveis tais recursos para diversificar suas estratégias e motivar seus alunos. Nesse sentido, cabe à escola, como instituição, e à educação como espaço de formação do sujeito social e o de construção da moral e da ética, de circulação das ideologias, proporcionar ao aluno possibilidades para o exercício da compreensão, interpretação e cidadania.

Os programas criados pelo governo federal para melhorar a qualidade da educação como o Ensino Médio Inovador, por exemplo, necessitam ser entendidos como ponto de partida, e não como ponto de chegada. Por esta razão, os educadores precisam esforçar-se para que eles permitam uma prática educativa transformadora das condições sociais, considerando a realidade dos jovens estudantes e observando seus anseios e o que esperam da escola.

O ProEMI constitui, sem dúvida, uma caminhada rumo à educação integral, já que, seguindo o pressuposto de que “crianças, adolescentes e adultos vêm à escola para aprender a serem mais homens e mulheres” (HENZ, apud Moll, 2012, p. 89), concluímos que a educação deve estar primordialmente, voltada para a pessoa.

Enfim, o que se deseja é, desde a época de Paulo Freire:

uma escola feliz, alegre, que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, porque recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece. (apud Moll, 2012, p. 90)

A partir do exposto acima, percebemos o quão importante é aquela escola em que assume a pedagogia da pergunta, do diálogo e do conflito, em que o foco é na curiosidade e na criatividade tanto dos educandos quanto dos educadores.

Sabemos que o Brasil finalmente abriu-se politicamente aos interesses populares. Contudo, resultados significativos só serão alcançados caso sejam reformuladas completamente as escolas públicas de educação básica, “em termos de tempo, de espaço e de profissão docente” (GIOLO, apud Moll, 2012, p. 98). Uma escola não prestará uma educação de qualidade sem as mínimas condições materiais: é necessário “qualificar e ampliar as condições da escola em termos de infraestrutura e constituir territórios educativos que se expandam a partir e para além dela”. Em um país marcado por descontinuidades administrativas e políticas, somente o financiamento diferenciado e permanente pode “nos conduzir à universalização da educação integral” (MOLL, 2012, p. 138).

Já chegamos bem longe, uma vez que a educação integral não é mais só uma experiência pontual em uma ou outra unidade da federação brasileira. Pelo contrário, ela já é uma política pública, o que não deixa também de ser um grande desafio: “o de transformar uma experiência classicamente cognitiva (dos saberes) em uma possibilidade de desenvolvimento humano integral e holístico, permitindo interferir, de diversas formas, em aspectos até então desconhecidos e genuínos” (RABELO, apud Moll, 2012, p. 120).

Não basta avançarmos na educação integral em termos apenas de política pública financiada pelo poder público. É preciso, conforme nos orienta Moll (2012, p. 138) ter:

uma ampla rede de articulações com atores sociais, instituições equipamentos de esporte, lazer, cultura, arte, tecnologias, na perspectiva de que a educação das novas gerações mobilize a sociedade em seu conjunto como tarefa permanente e imprescindível.

Logo, a construção da educação integral na escola de dia inteiro é uma tarefa da sociedade inteira, já que implica “mobilização de energias pedagógicas, disposição para um diálogo permanente entre gestores, professores, estudantes e comunidade”, sem esquecer, é claro, da “imaginação institucional, curricular e pedagógica para responder à diversidade da escola brasileira” (MOLL, 2012, p. 139).

O que desejamos é a superação do abismo “existente entre os traçados arquitetônicos e os espaços das escolas públicas e privadas, entre as escolas do centro e das periferias das cidades, entre as escolas urbanas e do campo”. Muito mais além do que isso, significa mudarmos o olhar dos “filhos das classes populares em relação ao seu pertencimento social” (MOLL, 2015, p. 140).

A partir das necessidades e percepções observadas na escola, as práticas tradicionais precisam ser repensadas. Sendo assim, a interação Educação/ Comunicação como intervenção social e investigação acadêmica não pode ficar de fora. E isso só é possível, conforme comprovado neste trabalho, através de uma cultura ativa de aprendizagem. Esta, em que “os sujeitos são considerados

como autores e produtores participativos que realizam reflexões críticas, estabelecendo relações e interagindo com respeito mútuo e com solidariedade” (BRASIL, 2009a, p. 38)

Por meio deste trabalho, foi possível perceber que o Ensino Médio Inovador da Escola Estadual de Educação Básica Eduardo Lopes da Rosa, diferencia-se do Ensino Médio tradicional, tanto pela opinião da coordenação pedagógica, quanto pela dos professores e dos alunos. Isso significa que todos os membros escolares “esperam respostas” da escola e estas precisam ser condizentes com as suas realidades. É preciso, contudo, denunciar a falta de recursos humanos e também de suporte técnico na escola pesquisada. Pela declaração de alguns profissionais, evidencia-se que muitos estão sobrecarregados e, por isso, não encontram tempo para a busca de novas metodologias em sala de aula, o que, muitas vezes, desmotiva os alunos no que condiz à aprendizagem dos conteúdos.

O que ficou claro também, é que, principalmente a coordenação pedagógica e a equipe de professores, preocupam-se com o trabalho com as TIC, porém,

possuem certa resistência em levar os alunos à sala de informática, por exemplo. Isso justifica-se ora pela falta de conhecimento desses profissionais, ora pela sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, pouco tempo para planejamento de atividades interativas. Sendo assim, constatou-se que, primeiramente, é a gestão escolar que precisa apropriar-se das TIC, para então, isso ser repassado aos demais segmentos como, professores e demais funcionários. Isso significa, não ter medo do “inovador” e buscar recursos para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula.

Outra questão que também ficou plausível de discussão é de que os professores passaram a se preocupar mais com o aluno, ouvindo-o e planejando materiais que vão ao encontro de suas realidades. “Trata-se de produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana” (SOARES, 2011, p. 53).

Com a implantação do ProEMI, os alunos tornaram-se pesquisadores e, através disso, responsáveis por seus estudos. Isso é consequência da obrigação da escola

em formar pessoas com “capacidade de aprendizagem e adaptação constantes, com autonomia intelectual e emocional, com habilidades diversificadas e flexíveis, além de sólido sentido ético e social.” (SOARES, 2011, p. 53)

Também ficou evidenciado que a aproximação da escola com a comunicação através do uso das novas tecnologias, contribui para o processo de formação dos educandos, estimulando a participação e colaboração, o estreitamento dos laços professor-aluno e a expressão comunicativa dos sujeitos, possibilitando, assim, perspectivas educomunicativas.

O professor é agora instrutor e mediador, ou seja, seu papel é quebrar paradigmas, modificar sua postura, assimilar o novo e incentivar seus alunos a construir juntos. É através do comando do professor que o aluno guiará seus estudos e não ficará desordenado. O professor não perde seu valor, ele adquire um novo valor. Cabe ao educador buscar novas práticas e diferenciar aulas, a fim de alcançar com êxito a aprendizagem do aluno. Ele deve adaptar-se à realidade atual. Por isso, é necessário o aprimoramento da utilização dos espaços e meios

digitais, para que seja capaz de interagir com as tecnologias digitais, estar incluído e não apenas sugerir um site.

O que está em questão agora não é o simples acaso das mídias tornarem-se influentes no aprendizado, e sim, delas estarem presentes e fazerem a diferença. Hoje, merecem mais atenção, pois são auxiliares na vida dos que iniciam seus estudos e na vida de quem já estuda.

## 5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Clóvis; REIS, Jonas Tarcísio. Org. (2013) **“Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática.”** 1 ed.. São Paulo: Fundação Santillana.

BIANCHETTI, Lucídio; JANTSCH, Ari Paulo. (1995) **“Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.”** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

BRAGA, Elayne de Moura (2012) “Os elementos do processo de ensino-aprendizagem: da sala de aula à educação mediada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs)”. **Revista Vozes do Vale**. Nº 2. Ano 1. ISSN: 2238-6424. UFVJM. Diamantina. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/volume-ii/>> Acesso em 20 de julho de 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica (2009) **“Comunicação e Uso de Mídias.”** Brasília: Ministério da Educação.

\_\_\_\_\_ (2009a) **“Cultura Digital.”** Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação (2000) **“Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio, Língua Portuguesa.”** Brasília: MEC/SEF.

\_\_\_\_\_ (2013) **“Programa Ensino Médio Inovador: documento orientador.”** Brasília: MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (2006) **“Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.”** Vol.: 01 Brasília: MEC/SEB.

CONSANI, Marciel A. (2008) **“Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e aplicações.”** Tese de Pós-Graduação. São Paulo: USP.

DOMINGUINI, Lucas (2013) **“Ensino médio inovador: primeiros resultados de um projeto em implantação.”** Santa Catarina: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

FREIRE, Paulo (1979) **“Educação como prática da liberdade.”** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LÉVY, Pierre; trad. Carlos Irineu da Costa (1999) **“Cibercultura”**. São Paulo: Ed. 34.

MARTINS, Gilberto de Andrade (2000) **“Manual para elaboração de monografias e dissertações.”** 2 ed. São Paulo: Atlas.

MOLL, Jaqueline (2012) **“Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos.”** Porto Alegre: Penso.

MORAN, José Manuel (2011) **“A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.”** 5ª ed., Campinas: Papirus.

ROCHA, Luciano Roberto (2007) **“A concepção de pesquisa no cotidiano escolar: possibilidades de utilização da metodologia webquest na educação pela pesquisa.”** 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

SCHLEMMER, Eliane (2006) “O Trabalho do Professor e as Novas Tecnologias.” Porto Alegre: **Textual**. v. 1, n. 8, p. 33-42. Disponível em [http://www.sinpro-rs.org.br/textual/set06/artigo\\_tecnologia.pdf](http://www.sinpro-rs.org.br/textual/set06/artigo_tecnologia.pdf). Acesso em 20 de julho de 2014.

SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. (2004) “**Gêneros orais e escritos na escola.**” Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras.

SOARES, Ismar de Oliveira (2011) “**Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.**” São Paulo: Paulinas.

SOARES, Ismar de Oliveira (2002) **Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina.** In.: BACCEGA, Maria Aparecida. “Gestão de processos comunicacionais.” São Paulo: Atlas.

### •• OS/AS AUTORES/AS ••

**Luciane da Silveira Brum** é professora de Língua Portuguesa há trinta e dois meses na E. E. E. B Eduardo Lopes da Rosa. Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa (UNIFRA, Santa Maria, RS) e Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação Aplicadas à Educação. EAD UFSM. Durante a graduação participou de projetos voltados à sala de aula e, na especialização produziu artigos voltados à área da Educomunicação. Têm interesse em relacionar as tecnologias com o ensino de Língua Portuguesa.

**Rosane Rosa** é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), Mestre em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2000), Especialista em Administração de Marketing (1993) e graduada em Relações Públicas (1990) e Jornalismo (1992) pela UNISINOS. Tem experiência de mais de 10 anos na área de Comunicação de interesse público no Primeiro, Segundo e Terceiro Setor. Foi professora assistente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2001-2008), professora na pós-graduação latu

sensu SENAC - São Paulo (2005-2007). Atualmente é professora no Departamento de Ciências da Comunicação, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Programa Tecnologias Educacionais em Rede da Universidade Federal de Santa Maria. É coordenadora do acordo de cooperação internacional entre a Universidade Federal de Santa Maria e a Universidade de Cabo Verde. Coord.do Projeto Educomunicação Intercultural para Moçambique - Pro-mobilidade UAM. Integra a Global Alliance for Partnerships on Media and Information Literacy (GAPMIL). Lidera o Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação Intercultural e Cidadania (CNPQ). É Vice-presidente (2012-2014; 2014-2016) da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Educomunicação (ABPPEducom). É pesquisadora CAPES e investiga os temas Comunicação, Direitos Humanos, Políticas Sociais, Educomunicação, Interculturalidade, Cidadania.